

Epígrafes arquitetônicas paulistanas e londrinas: uma comparação sob a perspectiva do design da informação

*Sao Paulo city and London architectonic epigraphs:
a comparison from an information design perspective*

Priscila Lena Farias

letramento,
arquitetura, espaço
urbano, paisagens
tipográficas, memória
gráfica

Este artigo apresenta um estudo comparado acerca de inscrições contendo os nomes de arquitetos e construtores encontradas em fachadas de edifícios nas cidades de São Paulo e Londres. Para o estudo, 123 epígrafes arquitetônicas encontradas no centro histórico da cidade de São Paulo foram comparadas com 71 inscrições do mesmo tipo encontradas nas regiões de Westminster e Camden, na área central de Londres. O foco das análises é o aspecto informacional das inscrições, incluindo sua localização, tamanho, configuração tipográfica e conteúdo.

*lettering, architecture,
urban space, typographic
landscapes, graphic
memory*

This paper presents a comparative study on inscriptions containing the names of architects and builders found in the façades of building in the cities of São Paulo and London. For the study, 123 architectonic epigraphs found in São Paulo city historic centre were compared with 71 inscriptions of the same kind found in the regions of Westminster and Camden, in central London. The focus of the analysis is the informational aspects of the inscriptions, including its location, size, typographic configuration and content.

1 Introdução

Epígrafes arquitetônicas podem ser descritas como inscrições contendo nomes de arquitetos, engenheiros ou construtores, geralmente gravadas em rocha ou metal, encontradas em fachadas de edifícios, e são um aspecto da paisagem tipográfica da cidade (Gouveia, Farias e Gatto 2009). No contexto das noções de patrimônio histórico, as epígrafes arquitetônicas possuem efetivo valor documental, relacionado ao processo material da configuração do espaço urbano, consistindo em evidências da presença dos agentes envolvidos na construção dos edifícios em determinados pontos da cidade, e de intercâmbios acadêmicos e profissionais entre estes agentes (Gouveia, Farias, Pereira e Gallo 2009; Farias, Gouveia e Dixon 2012a). Seu estudo pode revelar informações importantes a

respeito da constituição do espaço público e das relações de prestígio e poder envolvidas neste processo. A observação de seus aspectos formais e informacionais, por outro lado, pode elucidar a formação de repertórios e gostos tipográficos que ajudam a compor um sentido de lugar e a conferir certa identidade a núcleos urbanos (Farias, Gouveia e Dixon 2012a e 2012b).

1 O banco de dados *Acervo Epigráfico Paulistano* pode ser consultado em <<http://www.iar.unicamp.br/lis/pat/>>.

As epígrafes arquitetônicas paulistanas vêm sendo investigadas desde 2003 pelos grupos de pesquisa Tipografia Arquitetônica Paulistana (UNICAMP), Tipografia e Linguagem Gráfica (SENAC-SP), e História, Teoria e Linguagens do Design (USP). Entre os resultados destas investigações, encontram-se o desenvolvimento de métodos de coleta, tratamento e análise de dados (Farias, Gouveia, Pereira, Gallo e Gatto 2008; Gouveia, Farias e Gatto 2009b e 2010; Higa e Farias 2010), a criação de um acervo físico e de um banco de dados disponível para consulta online (Farias, Gouveia e Gatto 2013)¹, além de estudos de caso sobre arquitetos e construtores específicos (Farias e Gouveia 2013).

A pesquisa sobre as epígrafes arquitetônicas paulistanas gerou uma grande quantidade de dados. A partir de 2008, estes dados começaram a ser comparados com aqueles obtidos em outros levantamentos, mais circunscritos, realizados em outras 16 cidades, no Brasil e em outros 11 países (Farias, Gouveia e Dixon 2012b). O principal direcionamento resultante das primeiras análises comparativas foi a necessidade de levantamentos mais sistemáticos e completos em cidades-chave, como Paris e Londres, que poderiam ter protagonizado a tendência para inclusão de epígrafes em edifícios projetados por arquitetos no século XIX, e servido de referência para a epigrafia arquitetônica paulistana.

Em levantamentos realizados de forma exploratória em Londres, em 2007 e 2012, foram localizadas epígrafes arquitetônicas que apresentavam algumas características em comum com as paulistanas, em especial no que se refere ao seu posicionamento (abaixo do ângulo de visão do pedestre), material (gravadas em rochas ornamentais), e tipo de gravação (baixo relevo). Embora nenhuma das primeiras epígrafes londrinas identificadas contivesse menção ao RIBA (Royal Institute of British Architects), a presença da sigla em inscrições nas cidades de São Paulo e Dublin permitiu prever que uma busca mais sistemática revelaria a sua presença na capital britânica, contribuindo para a verificação da hipótese de que uma maior incidência de epígrafes arquitetônicas em determinado período estaria associada a momentos importantes para a configuração do campo profissional da arquitetura, como se observou em São Paulo (Gouveia, Farias, Pereira e Gallo 2009; Farias, Gouveia e Dixon 2012b). Previu-se, também, que a verificação de similaridades formais entre as inscrições paulistanas e londrinas, poderia ajudar a esclarecer a origem e a genealogia da epigrafia arquitetônica moderna, outra linha de investigação apontada pelo estudo comparativo anterior (Farias, Gouveia e Dixon 2012b). Uma investigação sistemática, realizada em Londres, em 2014,

possibilitou a coleta e tratamento de dados referentes a epígrafes arquitetônicas encontradas na zona central da capital britânica.

A análise comparada dos dados coletados em São Paulo e Londres revelou que as epígrafes arquitetônicas paulistanas e londrinas têm vários pontos em comum, principalmente no que se refere aos seus aspectos informacionais, como este artigo pretende demonstrar.

2 Métodos de pesquisa

As investigações realizadas em São Paulo e Londres adotaram abordagem metodológica já descrita mais detalhadamente em artigos sobre tipografia e letreiramento no ambiente urbano da cidade de São Paulo e em outras localidades publicados por membros dos grupos de pesquisa Tipografia Arquitetônica Paulista (UNICAMP), Tipografia e Linguagem Gráfica (SENAC-SP), e História, Teoria e Linguagens do Design (USP) (Farias, Gouveia, Pereira, Gallo e Gatto 2008; Gouveia, Farias e Gatto 2009b e 2010; Higa e Farias 2010; Farias, Gouveia e Dixon 2012a e 2012b).

Tal abordagem inicia com estudos exploratórios, que consistem em visitas a locais nos quais há notícia da presença de epígrafes arquitetônicas (ou nos quais estas inscrições foram casualmente encontradas), para, através da percepção de área com maior densidade, chegar à definição de um recorte geográfico para estudo aprofundado. Este recorte é definido com a ajuda de mapas do local, e há um esforço para que seus limites sejam coerentes com a evolução da malha urbana, e que coincidam com vias importantes. Desta forma, é o recorte cultural e geográfico que determina o recorte temporal da pesquisa, e não o inverso.

A coleta de dados em campo costuma ser realizada em duas etapas: na primeira, muitas vezes simultânea aos estudos exploratórios, são realizados registros fotográficos rápidos, eventualmente em baixa resolução, sempre que possível acompanhados por anotação de endereço, medições e decalques; na segunda, são realizados registros fotográficos mais completos, em alta resolução, e dados sobre localização e medidas são revisados. Decalques completos das epígrafes, assim como moldes em silicone das inscrições fazem parte de uma terceira etapa, e dependem tanto das características materiais e dimensionais das mesmas quanto da disponibilidade de tempo, financiamento, e recursos humanos.

O tratamento de dados envolve a edição e tratamento de imagens fotográficas, a extração de informações destas imagens (transcrição dos textos das epígrafes, descrição de seus aspectos formais e configuração tipográfica), e a organização de dados coletados em planilhas e mapas digitais. Os dados coletados em campo são complementados com outros coletados em levantamentos bibliográficos ou documentais. Nesta fase, são organizadas planilhas e tabelas agrupando dados sobre a localização, autoria, data e outras

informações relativas ao edifício, dados referentes ao conteúdo textual e aos aspectos formais e materiais da inscrição, incluindo suas medidas e altura em relação ao solo, e também dados ‘de trabalho’, tais como a URL da imagem da epígrafe em repositório digital, o status de seu registro fotográfico, decalque e molde. Tabelas complementares são criada para sistematizar dados coletados sobre os arquitetos e construtores, incluindo breves biografias.

As planilhas, mapas, e acervos digitais de imagens criados são, sempre que possível, interligados para facilitar a análise, comparação e interpretação de dados. As análises são feitas através da observação e filtragem de dados em planilhas, mapas e repositórios digitais. Durante estes procedimentos, busca-se identificar tendências, similaridades e peculiaridades nos dados obtidos.

3 Caracterização dos dados levantados

Os dados utilizados neste estudo comparativo referem-se a 123 edifícios contendo epígrafes arquitetônicas encontrados em São Paulo, em área de 0,79km² (fig. 1) e 71 encontrados em Londres, em área de 4,9km² (fig. 2). Em relação à distribuição espacial, portanto, embora em ambos os casos tenha sido possível verificar a tendência para o agrupamento de epígrafes na malha urbana, a densidade, calculada pela quantidade de inscrições por quilometro quadrado, é quase cinco vezes maior na área investigada em São Paulo do que na área investigada em Londres.

Figura 1 Área de pesquisa e posição das epígrafes arquitetônicas na cidade de São Paulo

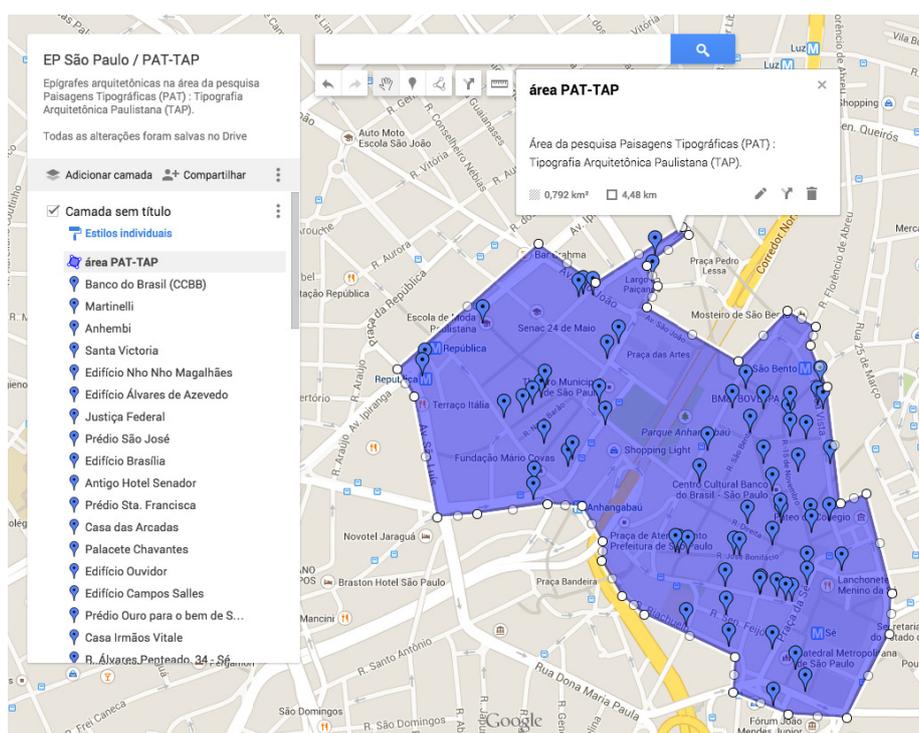
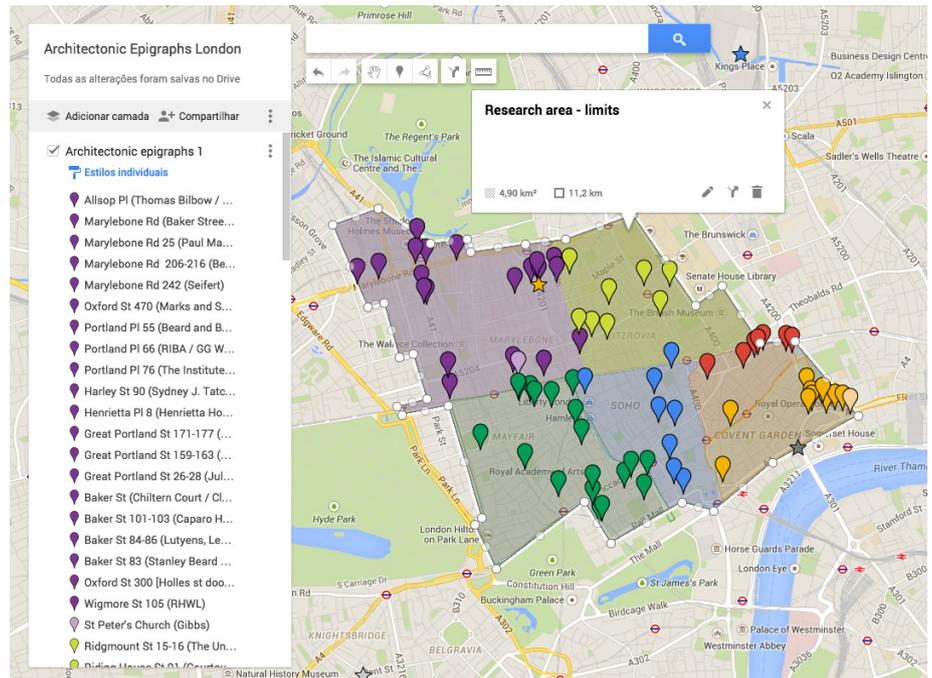


Figura 2 Área de pesquisa e posição das epígrafes arquitetônicas em Londres



Os edifícios londrinos que contêm epígrafes arquitetônicas foram construídos entre 1726 e 2001. Em São Paulo, embora não tenha sido possível determinar com precisão a data de construção de todos os edifícios, estima-se que tenham sido construídos entre as décadas de 1910 e 1970. Contudo, como demonstra a tabela 1, embora a extensão temporal das epígrafes arquitetônicas encontradas na área de pesquisa delimitada para o estudo paulistano seja bem menor do que a londrina, há alguma semelhança em relação ao período de maior incidência das inscrições: no caso londrino, 41% das epígrafes foram encontradas em edifícios construídos entre as décadas de 1920 e 1930; enquanto que em São Paulo 59% das inscrições concentram-se no mesmo período.

Tabela 1 Distribuição temporal das epígrafes arquitetônicas londrinas e paulistanas, com destaque para as décadas com maior incidência de casos

São Paulo			Londres	
Quantidade	Porcentagem	Data	Quantidade	Porcentagem
		Séc. XVIII	2	3%
		Séc. XIX	3	4%
		1900	3	4%
5	4%	1910	10	14%
24	20%	1920	17	24%
48	39%	1930	12	17%
33	27%	1940	2	3%
7	6%	1950	4	6%
3	2%	1960	5	7%
3	2%	1970	5	7%
		1980	3	4%
		1990	3	4%
		2000	2	3%
123				
100%		71	100%	

Tanto em São Paulo quanto em Londres, a absoluta maioria das epígrafes arquitetônicas encontradas foram gravadas em rocha, com poucos exemplos de inscrições em metal. Foi encontrado em Londres um número significativo de inscrições com acabamentos raros ou ausentes em São Paulo, tais como letras pintadas, preenchidas com material colorido, ou moldadas em argamassa.

4 Parâmetros de análise

Para realizar uma análise comparativa dos aspectos informacionais das epígrafes arquitetônicas e londrinas, foram observados os dados referentes ao tamanho e localização das inscrições na fachada do edifício, à sua configuração tipográfica (tipo de letra, quantidade de linhas, alinhamento, elementos de apoio) e ao seu conteúdo (informações contidas no texto).

Em relação à localização das epígrafes nas fachadas dos edifícios, as inscrições foram divididas entre *baixas*, *médias*, *altas* ou *muito altas*, considerando-se sempre a distância entre o pavimento adjacente à fachada e o topo da primeira linha da inscrição (fig. 3). Foram consideradas *baixas* aquelas cujo topo da primeira linha encontra-se abaixo de 1 metro de distância do pavimento, *médias* aquelas cujo topo

se encontra entre 1 e 2 metros do pavimento, *altas* as que se encontram acima de 2 e até 4 metros, e *muito altas* as que se encontram acima de 4 metros de altura. Observou-se também a posição das inscrições em relação à entrada principal do edifício (à direita, à esquerda ou acima da porta, alinhada ou não com a porta ou outro detalhe arquitetônico), e a posição da parede na qual se encontra a inscrição (paralela ou perpendicular à via na qual se localiza o edifício).

Figura 3 Exemplos de epígrafes arquitetônicas baixas (São Paulo, foto de Patrícia Gatto), médias (Londres, foto de Priscila Farias), altas (São Paulo, foto de Patrícia Gatto), e muito altas (Londres, foto de Priscila Farias)



O tamanho das epígrafes baixas e médias foi determinado através de medições com trena, considerando-se os limites horizontais e verticais das manchas tipográficas (do topo da letra mais alta na primeira linha ao pé da letra mais baixa na última linha, do ponto mais à esquerda ao ponto mais à direita das letras nas linhas mais longas). No caso das epígrafes altas e muito altas, suas dimensões foram estimadas com base na medição de elementos encontrados a menor altura (tais como batentes ou ornamentos), e comparações entre estes elementos e as inscrições, realizadas com ajuda de registros fotográficos.

As observações quanto à configuração tipográfica das epígrafes arquitetônicas levaram em consideração dados referentes às letras, linhas de texto, e elementos de apoio eventualmente incluídos nas inscrições. Em relação ao tipo de letra, observou-se sua estrutura (uso de maiúsculas, minúsculas, versaltes, letras subscritas ou sobrescritas, algarismos romanos ou árabicos) e forma (presença ou não de serifas, estilo do desenho, peso, modulação, etc.). Também foram observadas a quantidade de linhas, e o alinhamento entre elas, bem como a eventual presença de elementos de apoio (fios, molduras, ornamentos) e sua relação com o conjunto.

O texto das epígrafes foi transcrito para facilitar a busca e comparação de conteúdos, respeitando o uso de letras maiúsculas e minúsculas na inscrição. Barras simples foram usadas para indicar quebra de linha, e barras duplas para indicar separação maior dentro do texto. Barras inclinadas foram usadas no lugar de barras verticais adotadas anteriormente (Gouveia, Pereira, Farias e Barreiros 2007: 7-8), para evitar confusão visual com a letra <i> maiúscula ou com o <l> minúsculo. Colchetes foram usados para indicar trechos com pouca ou nenhuma legibilidade. Observou-se a forma de apresentação dos agentes mencionados nas inscrições, e indicações sobre sua eventual vinculação com organismos profissionais como o RIBA (Royal Institute of British Architects).

5 Resultados

A comparação de dados permitiu verificar a existência de diversas semelhanças, mas também algumas diferenças, entre os aspectos informacionais das epígrafes arquitetônicas londrinas e paulistanas. As principais similaridades dizem respeito à posição, dimensão e alinhamento do texto das inscrições. As diferenças referem-se aos tipos de letra mais utilizados, e alguns aspectos do conteúdo.

As epígrafes arquitetônicas paulistanas, em particular aquelas encontradas no centro histórico da cidade, caracterizam-se por localizarem-se, quase sempre, nas laterais da entrada principal do edifício, abaixo do ângulo de visão do pedestre (Farias, Gouveia & Dixon 2012a e 2012b), paralelas às vias. O mesmo ocorre com as inscrições londrinas, embora neste caso exista uma proporção maior de epígrafes localizadas acima de 2 metros de altura do que a encontrada em São Paulo. As dimensões médias das inscrições também são similares (por volta de 50cm de largura e 20cm de altura), embora tenham sido encontradas em Londres algumas epígrafes com largura e altura muito maiores do que as paulistanas.

No centro histórico da cidade de São Paulo, foram encontradas somente 3 inscrições, em um conjunto de 123, que poderiam ser descritas como altas ou muito altas, todas da década de 1910 e 1920 (mais antigas do que a média indicada na tabela 1, portanto, incluindo a que aparece na fig. 3). Na área de pesquisa de Londres, a proporção é maior: 15 inscrições, em um conjunto de 71, estão posicionadas acima de 2 metros do solo.

A maior extensão temporal do recorte londrino, é importante notar, permitiu a observação de uma modificação no padrão de altura do posicionamento das epígrafes ao longo dos anos. As duas epígrafes mais antigas (inclusive a de Henry Flitcroft encontrada na fachada da igreja St Giles in the Fields, fig. 3, extrema esquerda) estão ambas posicionadas acima de 5 metros de altura. As do século XIX variam entre altura média e muito alta. No século XX, as inscrições muito altas concentram-se na década de 1910, e as altas nas décadas de 1910

e 1920. A mais antiga inscrição baixa encontrada na área investigada data de 1912. As seguintes datam da década de 1920, período em que se tornam mais numerosas. Nas décadas posteriores, as inscrições baixas passam gradativamente a ser o padrão, alternadas com algumas inscrições de altura média e alta. Há, portanto, uma coincidência no período de aparecimento e maior concentração de epígrafes a baixa e média altura: nas duas cidades, isso ocorre a partir da década de 1920.

Os textos das epígrafes paulistanas costumam ter 2 ou 3 linhas, centralizadas, compostas com letras sem serifa geométricas ou grotescas. No caso londrino, embora o alinhamento mais comum também seja o centralizado, os textos costumam ser um pouco mais extensos (em sua maioria, com 3 ou 4 linhas, mas chegando até a 15 linhas). Em ambos os casos, é frequente a presença de ênfase para os nomes dos arquitetos e construtores, obtida através de uso de letra mais alta ou mais pesada (fig. 4).

Figura 4 Ênfase para nomes de arquitetos em epígrafe arquitetônica paulistana (foto de Patricia Gatto) e londrina (foto de Priscila Farias)



Em relação às estruturas de letra mais utilizadas, observou-se que as epígrafes arquitetônicas paulistanas utilizam invariavelmente letras maiúsculas (com exceção de raros casos onde a minúscula <e> aparece no lugar de <&>), com eventual uso de versaletes, acompanhadas quase sempre por algarismos arábicos. Nas epígrafes londrinas, o uso de algarismos arábicos e versaletes segue o mesmo padrão, mas, embora sejam exceções, letras minúsculas aparecem em palavras inteiras em algumas inscrições (incluindo a de Flitcroft reproduzida na fig. 3).

Quanto à forma das letras, predominam em São Paulo letras sem serifa de caráter geométrico, ao passo que em Londres predominam letras serifadas clássicas (fig. 5). Ainda assim, observa-se uma tendência em comum para o uso de letras sem serifa nas primeiras décadas do século XX em ambas as cidades (fig. 6).

Figura 5 Epígrafe arquitetônica paulistana com letras sem serifa geométricas (foto de Patrícia Gatto), e epígrafe londrina com letra serifada clássica (foto de Priscila Farias)

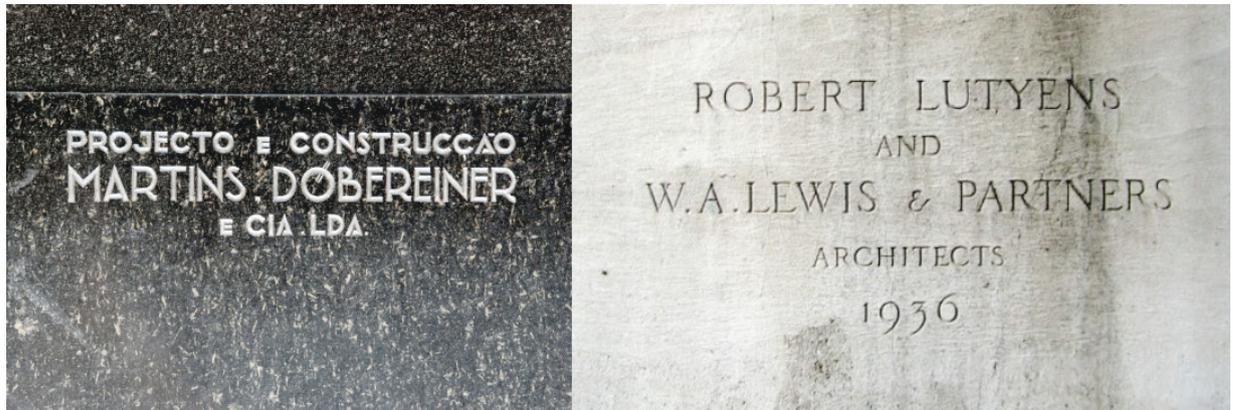


Figura 6 Inscrições do início do século XX com letras sem serifa: edifício London and River Plate (Ramos de Azevedo, São Paulo, 1919, foto de Patricia Gatto), e 90 Harley Street (Sydney Tatchell, Londres, 1910, foto de Priscila Farias)

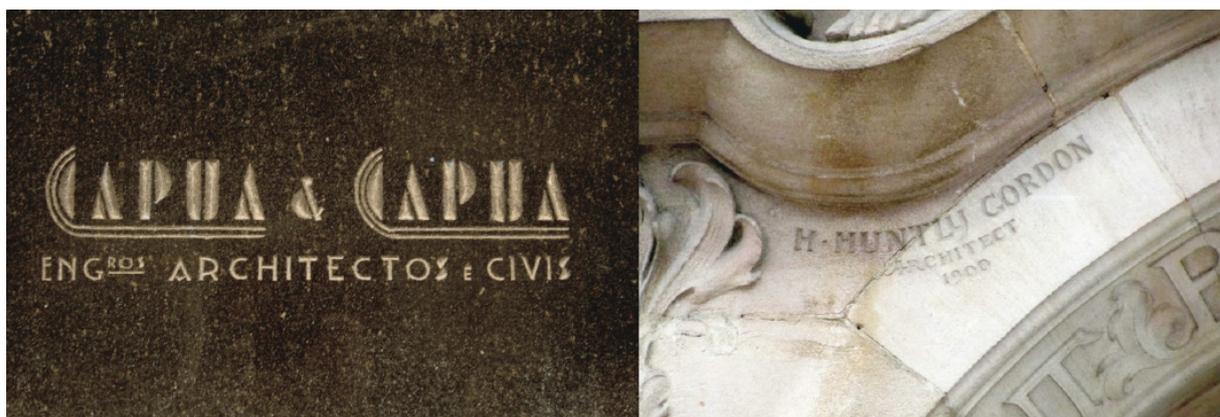


A repetição de formas e arranjos por diferentes arquitetos em um mesmo período revela um certo anseio por neutralidade e padronização. A repetição arranjos tipográficos por parte de um mesmo escritório, por outro lado, denota um deliberado uso de linguagem visual para comunicar uma certa identidade, independentemente do estilo arquitetônico usado no edifício. Isso pode ser percebido, por exemplo, nas epígrafes arquitetônicas de Siciliano & Silva em São Paulo (ver também Farias & Gouveia 2013), e Trehearne & Norman em Londres (fig. 7). As epígrafes arquitetônicas mais memoráveis, entretanto, costumam ser aquelas nas quais encontramos formas menos comuns, em combinações mais peculiares, gerando inscrições com mais personalidade (fig. 8).

Figura 7 Epígrafes arquitetônicas do escritório Siciliano & Silva (São Paulo, foto de Patrícia Gatto), e Trehearne & Norman (Londres, foto de Priscila Farias)



Figura 8 Algumas epígrafes arquitetônicas com arranjos peculiares encontradas em São Paulo (foto de Acácia Correa), e Londres (foto de Priscila Farias)



Em relação ao conteúdo, as epígrafes arquitetônicas encontradas nas duas cidades apresentam algumas diferenças. A menção à data de construção é mais frequente nas epígrafes londrinas (49% dos casos) do que nas paulistanas (15% dos casos). Outra diferença é a denominação utilizada pelos profissionais mencionados nas epígrafes: no caso paulistano, a denominação mais comum é ‘engenheiro-arquiteto’; já no caso londrino o papel dos arquitetos e engenheiros é claramente diferenciado. É bastante comum, nas epígrafes arquitetônicas londrinas, a menção específica a *contractors* ou *builders* na mesma inscrição, ou em epígrafe secundária — neste caso, a epígrafe do arquiteto costuma ficar à esquerda da entrada principal, o que lhe dá destaque, tendo em vista que o sentido de leitura ocidental é da esquerda para a direita.

A autoridade do arquiteto responsável, nas epígrafes londrinas, é muitas vezes reforçada pela inclusão de seu vínculo com o Royal Institute of British Architects — que pode ser ‘ARIBA’ (associado) ou ‘FRIBA’ (*fellow*). Embora as siglas ‘FRIBA’ e ‘DPLG’

2 A inscrição paulistana apresenta também a sigla DPLG, indicando que Pilon se formou em arquitetura na França.

(Diplômé Par Le Gouvernement, título francês) apareçam em duas epígrafes paulistanas, não há, entre elas, qualquer outra menção a instituição de classe ou similar.

A despeito de todas estas diferenças, uma semelhança relevante foi detectada entre as epígrafes arquitetônicas de dois edifícios construídos na década de 1930: o Sulacap, em São Paulo, e o Simpson Piccadilly, em Londres (fig. 9). Ambas as inscrições apresentam letras sem serifa geométricas, em alto relevo, sobre rocha polida, em composição nas quais estas letras são inseridas em caixa delimitada pela linha de base e linha das capitulares. Ambas as inscrições trazem a sigla FRIBA, indicando a vinculação de Robert Prentice e Joseph Emberton ao Royal Institute of British Architects². O estilo de letra acompanha a linguagem arquitetônica dos edifícios sobre a fachada dos quais foram gravadas, ambos em estilo art deco. Escocês de nascimento, Prentice morou em Buenos Aires e no Rio de Janeiro entre as décadas de 1910 e 1950. Nascido em 1883, era um pouco mais velho do que o inglês Emberton, que nasceu em 1889. Emberton já era associado do RIBA (ARIBA) em 1925, quando Prentice tornou-se um *fellow* da instituição (FRIBA), título que Emberton só obteria em 1931. As semelhanças entre as duas obras e as coincidências nas carreiras de Emberton e Prentice sugerem influência mútua, e que teve impacto, ainda que discreto, nas paisagens tipográficas paulistana e londrina.

Figura 9 Epígrafes arquitetônicas encontradas nos edifícios Sulacap (São Paulo, Robert Prentice e Jean Pilon, 1933-1934, foto de Haroldo Gallo) e Simpson Piccadilly (Londres, Joseph Emberton, 1935, foto de Priscila Farias)



Ainda em relação ao conteúdo, cabe notar que foram encontradas, em Londres, 3 inscrições nas quais os profissionais são apresentados como responsáveis pela *reconstrução* do edifício (fig. 10). Há, também, o caso excepcional de um edifício com duas epígrafes que mencionam dois arquitetos, um deles identificado como ‘designer’, como responsáveis pelo projeto (fig. 11). Os nomes de alguns arquitetos e construtores londrinos foram encontrados em pedras fundamentais, como parte de textos maiores, eventualmente fazendo menção a outros personagens envolvidos com o edifício (fig. 12). Embora o

texto da epígrafe do Teatro Municipal se assemelhe ao de uma pedra fundamental (fig. 12), nada comparável aos outros dois casos foi encontrado no levantamento feito em São Paulo.

Figura 10 Epígrafes arquitetônicas londrinas nas quais os agentes se identificam como responsáveis pela reconstrução do edifício (fotos de Priscila Farias)



Figura 11 Entrada principal de edifício em Londres, com duas epígrafes arquitetônicas (foto de Priscila Farias)



Figura 12 Epígrafe arquitetônica do Teatro Municipal de São Paulo (foto de Catherine Dixon), e epígrafe arquitetônica em pedra fundamental em Londres (foto de Priscila Farias).



Um aspecto inesperado revelado pela pesquisa de campo em Londres foi a constatação de que epígrafes severamente danificadas ou em péssimo estado de conservação não são exclusividade paulistana (fig. 13). A epígrafe do arquiteto George Grey Wornum na fachada do RIBA encontrava-se em tão pobre condição que só foi possível identificá-la a partir da observação de fotos antigas da fachada. Uma epígrafe de Trehearne & Norman encontra-se parcialmente recortada para dar lugar a uma caixa de inspeção.

Figura 13 Epígrafe arquitetônicas danificadas em São Paulo (foto de Haroldo Gallo), e em Londres (foto de Priscila Farias).



6 Conclusão

Esta análise comparativa demonstrou que uma das principais semelhanças entre as epígrafes arquitetônicas paulistanas e londrinas é sua posição na fachada do edifício, predominantemente abaixo de 1 metro de altura, corroborando resultados de estudos anteriores (Farias, Gouveia & Dixon 2012b). Isso contrasta com o padrão de epígrafes mais altas, acima da porta ou na altura do primeiro piso, que predominam em outras cidades européias como Barcelona, Gante e Paris, ou latino americanas como Buenos Aires, Cidade do México e Santiago (Farias, Gouveia & Dixon 2012a e 2012b). Deriva-se, destas observações, a hipótese de que o padrão de epígrafes arquitetônicas altas tenha matriz francesa e oitocentista, e que esta tenha influenciado mais fortemente o padrão espanhol e dos países latino-americanos de língua espanhola; enquanto que o padrão de epígrafes arquitetônicas mais baixas tenha matriz britânica e modernista, tendo influenciado mais fortemente o padrão paulistano. Tal hipótese deverá ser tópico de pesquisas futuras.

Já a hipótese de que em Londres, assim como em São Paulo, uma maior incidência de epígrafes arquitetônicas em determinado período estaria associada a momento importante para a configuração do campo profissional da arquitetura, levantada anteriormente (Gouveia, Farias, Pereira e Gallo 2009; Farias, Gouveia e Dixon 2012b), pode ser verificada a partir do cotejamento de dados coletados em campo com pesquisa bibliográfica. Conforme podemos observar na tabela 1, 55% das epígrafes londrinas foram encontradas em edifícios construídos entre as décadas de 1910 e 1930. Segundo artigos encontrados nos periódicos *Journal of the Royal Institute of British Architects* (JRIBA 1914) e *The Builder* (Purchon 1938), embora o RIBA tenha sido inaugurado em 1834, constantes debates a respeito da melhor forma de realizar registros e reconhecer a proficiência dos arquitetos foram travados no Reino Unido durante as primeiras décadas do século XX, exatamente aquelas nas quais as epígrafes são mais numerosas.

O estudo propiciou uma melhor compreensão da articulação da linguagem gráfica verbal no espaço público nas duas cidades, e da atuação de arquitetos e construtores neste contexto. Assim como nos estudos realizados em São Paulo, foram encontrados em Londres casos de profissionais que sistematicamente incluíam seus nomes em fachadas de edifícios, entre eles arquitetos bem conhecidos como Trehearne & Norman e Richard Siefert, e outros praticamente ausentes da historiografia da área, como Angell & Curtis. Os primeiros poderiam ser comparados a Ramos de Azevedo e Severo & Villares, enquanto que os últimos encontram-se em situação semelhante à do escritório Siciliano & Silva (Farias & Gouveia 2013).

As peculiaridades dos textos encontrados nas inscrições londrinas levou a uma reflexão mais aprofundada sobre as características que distinguem uma epígrafe arquitetônica de outros

elementos textuais encontrados em fachadas de edifícios. Se estas inscrições se caracterizam por indicar o nome do responsável pela configuração da linguagem arquitetônica do edifício, mesmo que este responsável não seja identificado como um arquiteto, faz sentido considerar que as epígrafes arquitetônicas podem ser parte de inscrições maiores, como pedras ou placas fundamentais. Ao mesmo tempo, para que funcionem como assinaturas destes agentes, e para que possamos atribuir a elas algum grau de personalidade, é necessário diferenciar placas comemorativas incluídas nos edifícios em data posterior à sua concepção e edificação, ainda que contenham o nome de arquitetos e construtores, das epígrafes arquitetônicas propriamente ditas. Na melhor das hipóteses, estas inscrições posteriores poderiam ser consideradas epígrafes arquitetônicas *anacrônicas*.

Os resultados apresentados reafirmam a pertinência de estudos que, como este, ajudem a demonstrar a importância da linguagem gráfica verbal, e, em particular, das epígrafes arquitetônicas, enquanto aspecto da identidade e do patrimônio cultural das cidades, parte integrante de sua memória gráfica (Farias 2014), e colaborem para a percepção da necessidade de sua preservação.

Agradecimento

Aos integrantes dos grupos de pesquisa Tipografia Arquitetônica Paulista, Tipografia e Linguagem Gráfica, e História, Teoria e Linguagens do Design, em particular Acácia Montagnolli Gomes Corrêa, Catherine Dixon, Haroldo Gallo e Patrícia Gatto, autores de fotos incluídas neste artigo. A pesquisa aqui relatada contou com apoios do CNPq, CAPES e FAPESP.

Referências

- FARIAS, Priscila L. 2014. On graphic memory as a strategy for design history. In: *Proceedings of the 9th Conference of the International Committee for Design History and Design Studies: 201-206*. São Paulo: Editora Edgard Blücher.
- FARIAS, Priscila L. & GOUVEIA, Anna P. S. 2013. As epígrafes arquitetônicas de Siciliano e Silva. In: GONZALES, P. & NOVAES, M. A. V. (orgs.) *Siciliano & Silva*. São Paulo: Arauco.
- FARIAS, Priscila L. ; GOUVEIA, Anna P. S. & DIXON, Catherine R. 2012a. Architectonic epigraphs: details that tell a bigger story. In: Camargo, P. de O. ; Ribeiro, P. E. V. L. & Fajardo, W. (Org.). *Design e/é patrimônio*: 189-209. Rio de Janeiro: Centro Carioca de Design.
- ____ 2012b. Epígrafes arquitetônicas como elementos da paisagem tipográfica das cidades: notas para um estudo comparativo. In: *Anais do X Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design*. São Luis: EDUFMA.

- FARIAS, Priscila L. ; GOUVEIA, Anna P. S. & GATTO, Patricia S. 2013. São Paulo city epigraphic archive: construction steps and procedures. *International Journal of Architectural Heritage* 7(5): 579-590.
- FARIAS, Priscila L. ; GOUVEIA, Anna P. S. ; PEREIRA, André L. T. ; GALLO, Haroldo & GATTO, Patricia S. 2008. Técnicas de mapeamento aplicadas ao estudo da epigrafia arquitetônica paulistana. *Infodesign* 5(1): 1 – 21.
- GOUVEIA, Anna P. S. ; FARIAS, Priscila L. & GATTO, Patricia S. 2009a. Letters and cities: reading the urban environment with the help of perception theories. *Visual Communication* 8(3): 339 – 348.
- ____ 2009b. Vetorização digital das epígrafes arquitetônicas paulistanas. In: *GRAPHICA'09 Linguagens e Estratégias da Expressão Gráfica: Comunicação e Conhecimento*: 1440-1454. Bauru: UNESP.
- ____ 2010. Acervo epigráfico paulistano: etapas e procedimentos de construção. In: *Anais do Nono Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design - P&D DESIGN 2010*: 1095-1114. São Paulo: Associação de Ensino e Pesquisa de Nível Superior de Design do Brasil - AEND|Brasil.
- GOUVEIA, Anna P. S. ; FARIAS, Priscila L. ; PEREIRA, André L. T. & GALLO, Haroldo 2009. Epígrafes arquitetônicas: assinaturas dos arquitetos e construtores da cidade de São Paulo. *Oculum Ensaios* 8/9: 39-49.
- GOUVEIA, Anna P. S. ; PEREIRA, André L. T. ; FARIAS, Priscila L. & BARREIROS, Gabriela G. 2007. Paisagens tipográficas - lendo as letras nas cidades. *Infodesign* 4(1): 1 – 12.
- HIGA, Reinaldo A. & FARIAS, Priscila L. 2010. Uma classificação para epígrafes arquitetônicas. In: *Anais do P&D Design 2010 – 9º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design*. UAM: São Paulo.
- JRIBA 1914. Chronicle. Registration of Architects. Sir Aston Webb's amendment. *Journal of the Royal Institute of British Architects* vol.21, 17 Jan. 1914: 167-174.
- PURCHON, W. S. 1938. The registration of architects. *The Builder* vol. CLV, Aug 19 1938: 331.

Sobre a autora

Priscila Lena Farias

Doutora, FAU USP, Brasil <prifarias@usp.br>

Artigo recebido em 09 set. 2015,
aprovado em 21 set. 2015.